

A PALAVRA E O SIGNIFICADO SOB A PERCEPÇÃO DO TRADUTOR RENASCENTISTA

WORD AND MEANING: THE RENAISSANCE TRANSLATOR PERCEPTION



Laís Gonçalves Natalino¹
(Mestranda Estudos da Tradução - UFSC/ Florianópolis/SC/Brasil)
laisnatalino@hotmail.com

Resumo: Frente às mais diferentes teorias acerca dos Estudos da Tradução, cabe ao tradutor identificar as melhores estratégias e métodos com os quais deseja traduzir seu texto. Entretanto, é natural a tendência de recorrer aos tradutores clássicos para buscar respostas e justificar práticas atuais. Ancorado na antologia bilíngue *Clássicos da Teoria da Tradução - V.4, Renascimento* (FURLAN, 2006), que contempla textos teóricos sobre tradução, o presente trabalho busca analisar como os tradutores renascentistas Martin Luther (1530), Leonardo Bruni Aretino (1420-26), Juan Luis Vives (1533) e Étienne Dolet (1540) tratavam a relação palavra/significado, tema amplamente discutido por tradutores, pesquisadores e estudantes de tradução e que perdura há décadas.

Palavras-chave: tradução renascentista, relação palavra/significado.

Abstract: Faced with many different theories about Translation Studies, the translator needs to identify the best strategies and methods with which you want to translate your text. However, it is natural the tendency to appeal to classics translators to search for answers and to justify current practices. This paper aims to analyze how Renaissance translators as Martin Luther (1530), Leonardo Bruni (1420-26), Juan Luis Vives (1533) and Etienne Dolet (1540), handled the relationship between word/meaning, and this research is based on the bilingual anthology *Clássicos da Teoria da Tradução - V.4, Renascimento* (FURLAN, 2006). This is a subject that has been widely discussed by translators, researchers and students of translation for decades.

Keywords: Renaissance translation, word/meaning relation.

149

INTRODUÇÃO

A história da tradução está em constante construção, à medida que pesquisadores e tradutores se debruçam sobre teorias e textos na tentativa de desvendar os melhores ou mais adequados métodos ou estratégias de se traduzir. Ao estudar História da Tradução, recorreremos, na maior parte das vezes, às antologias, que ao reunir vários textos da mesma época, refletem práticas literárias e tradutórias presentes naquele período, e proporcionam, através desse contato com o modo com que a tradução era praticada no passado, uma reflexão quanto às bases das teorias que utilizamos na contemporaneidade.

Embora este artigo trate do pensamento de tradutores do Renascimento, utilizo uma passagem de Cícero, na Antiguidade, traduzida por Furlan (2006), que remete a vários pontos aos quais iremos tratar durante toda esta discussão:

NATALINO. A palavra e o significado sob a percepção do tradutor renascentista.
Belas Infêéis, v. 2, n. 1, p. 149-156, 2013.

Não traduzi como intérprete, mas como orador, com os mesmos pensamentos e suas formas bem como com suas figuras, com palavras adequadas ao nosso costume. Para tanto não tive necessidade de traduzir palavra por palavra, mas mantive o caráter das palavras e sua força (FURLAN, 2006, p. 32).

Para esse trecho há uma série de discussões e abordagens, já que ele trata de problemas que foram discutidos desde a Antiguidade até os dias de hoje, por exemplo, a questão da tradução de acordo com a cultura e os costumes, o traduzir palavra por palavra e a tradução do significado e do sentido, enfim, são questões de grande amplitude que possibilitam interpretações e investigações diversas. É então sob essa perspectiva que os mesmos problemas ou questionamentos levantados no passado ainda são discutidos hoje, que se ancora a maior parte deste trabalho.

Os Estudos da Tradução, durante muito tempo, tiveram seu foco, principalmente, nas escolhas lexicais que envolviam o processo tradutório, dando extrema importância à tradução de palavras e seus significados. Daí o intuito de voltar às práticas de tradução do passado para investigar como os tradutores entendiam essa relação palavra e significado na construção de sentido dos textos traduzidos. Desse modo, sugere-se que as práticas tradutórias do passado, bem como as discussões acerca dessas práticas, refletem nas bases da tradução contemporânea.

150

Esta pesquisa terá como objeto de estudo quatro textos da antologia bilíngue *Clássicos da Teoria da Tradução*, volume 4, *Renascimento* (FURLAN, 2006), que contempla textos teóricos sobre tradução, são eles: “Carta aberta sobre a tradução”, de Martinho Lutero (1530), “Da tradução correta”, de Leonardo Bruni Aretino (1420-26), “Versões ou traduções”, de Juan Luis Vives (1533), e “Como traduzir bem de uma língua para outra”, de Étienne Dolet (1540).

A escolha dos textos se concentra, sobretudo, na semelhança com que cada um deles apresenta a defesa de suas traduções, principalmente baseando-se na concepção de linguagem daquele momento histórico, no código e subsistemas da retórica.

O presente trabalho é dividido em duas partes, a primeira aborda a discussão da palavra e do significado sob a perspectiva do tradutor a partir de releitura de textos do Renascimento. A segunda compreende um questionamento sobre quais seriam as contribuições dos clássicos renascentistas para a construção de bases para a tradução contemporânea. Por fim, nas considerações finais, farei um fecho do que foi apresentado e discutido ao longo deste estudo.

A PALAVRA E O SIGNIFICADO NA TRADUÇÃO RETÓRICA DO RENASCIMENTO

Antes de dar início à explanação a respeito das leituras das traduções de Lutero, Bruni, Vives e Dolet, é importante fazer alguns comentários a respeito da sistematização feita por Furlan (2006), de reflexões sobre as traduções produzidas no Renascimento.

Segundo o autor, a retórica era utilizada como instrumento de trabalho dos tradutores, enquanto concepção de linguagem antiga e tratado formal desta. Da Antiguidade até o Renascimento, todo aquele que desejasse adquirir competência profissional no uso da língua dedicava-se às duas artes da língua: a gramática, que possibilitava a comunicação, e a retórica, que tornava esta comunicação efetiva (FURLAN, 2006, p. 17).

O código da retórica, como concepção de linguagem do Renascimento, atuava através de subsistemas de linguagem; o primeiro deles, a *inuentio*, teria o objetivo de encontrar o que dizer, ou seja, o tema e os argumentos adequados; a *dispositio* seria a ordem ou disposição das ideias, já encontrados anteriormente na *inuentio*; na sequência viria a *elocutio*, que apreende a passagem das ideias encontradas na *inuentio* e ordenadas na *dispositio* à linguagem, ou seja, construção e composição através de palavras. O quarto e quinto subsistema são chamados de *memória* e *pronuntiatio*, e não serão o foco das nossas discussões.

151

Seguindo as abordagens do mesmo autor, há então a sistematização dos sistemas de linguagem partindo do código da retórica, sendo o *inuentio-elocutio* o sistema operador na Antiguidade clássica romana, o *inuentio* o sistema operador na Idade Média e o *elocutio* o sistema operador do Renascimento, período ao qual nos fixaremos para este ensaio.

Ao analisar os quatro textos renascentistas de Lutero, Bruni, Vives e Dolet, bem como o texto de Furlan (2006), observa-se que a tradução correta depende de alguns requisitos que foram mencionados, de alguma forma, por todos eles: domínio da língua de partida e de chegada, conhecimento da matéria, uso da habilidade poética.

Além desses requisitos básicos, alguns problemas da tradução também são discutidos em todos os textos, principalmente em se tratando das línguas envolvidas no processo de tradução (original e língua da tradução), a questão do conteúdo e forma, do sentido e da palavra, do espírito e da letra. Desses problemas que foram elencados, parte a tentativa de se extrair excertos que abordem de forma mais relevante a questão da palavra e do sentido ou significado.

Bruni (1420-26), ao falar sobre a importância do conhecimento das línguas envolvidas no processo de tradução, faz referência à necessidade da compreensão da força, do

significado, da natureza e das nuances das palavras e afirma que “[...] o sentido de palavras avulsas é diferente das mesmas formando conjuntos frasais” e que ao traduzir, as figuras e os costumes de linguagem e as palavras, não devem ser ignoradas.

O tradutor mergulhará no gênio do autor, arrastado pela mesma força que aquele, nem poderá de outro modo manter o sentido, a não ser acompanhando o percurso das palavras e do discurso (BRUNI ARETINO, 2006, p. 61).

A interpretação desse excerto tende a mostrar que a visão de Bruni sobre a relação palavra/significado é que as palavras funcionam como instrumento primordial de conhecimento e análise para que o tradutor reproduza o texto com a mesma força e mantendo o mesmo sentido, ou seja, através do percurso das palavras inseridas no texto primeiro é que se construirá o novo texto.

Lutero (2006), nas justificativas às suas traduções, é incisivo ao falar sobre propriedade da língua. Ele menciona que quando se pretende traduzir com clareza e consistência o sentido de um texto, é necessário, em primeiro, investigar como o homem falante daquela língua, a qual se pretende traduzir, fala determinada palavra expressa no texto, para depois traduzi-lo.

152

Furlan (2006) considera que para reescrever um texto na língua de chegada, o tradutor partia da *electio uerborum*, em que a palavra para ser utilizada deve cumprir alguns critérios referentes à: (1) questão do significado, a *proprietas uerbi*, ou propriedade da palavra, (2) a pureza, *puritas*, que define o alcance do significado das palavras (3), e a clareza, *perpeccitas*, conhecimento e entendimento da palavra em uma comunidade específica.

Nesse sentido, quando Lutero fala em investigar o homem falante da língua, ele está se referindo à questão da pureza e clareza das palavras a serem utilizadas na tradução. O que é tratado como propriedade da língua por Lutero muito se enquadra no que é sistematizado por Furlan (2006).

Outra característica relevante presente no texto de Lutero (2006) é a menção feita a respeito de seu trabalho de tradução da Bíblia, em que, segundo ele, foi necessário, além dos saberes tradutórios, saber interpretar os salmos, rezar e entender sua dialética e filosofia: “[...] a tradução não é em absoluto uma arte para qualquer um, [...] a ela pertence um coração reto, piedoso, fiel, diligente, temente, cristão, erudito, experiente, treinado” (LUTERO, 2006, p. 111.)

Ou seja, para Lutero, a tradução da Bíblia foi uma atividade que foi além da transferência de um texto de uma língua para outra, mas que teve a contribuição da fé cristã

para sua construção; por essa razão, ele defende que o significado das palavras em todas as passagens foi fielmente preservado, independentemente de qualquer alteração ou acréscimo.

Vives (2006) diferencia tradução e versão, observando que nas duas há a “passagem das palavras de uma língua para outra com seu sentido conservado”; entretanto, na tradução, as palavras conferem força e graça aos sentidos. Para ele, não é necessário imitar ou transpor as palavras, há que se “designar a coisa de que se trata com algum nome que deva ter a mesma força”, ou seja, o mesmo significado, ou sentido.

Vives (2006) considera as traduções úteis se forem fiéis, e que elas (as traduções) só se tornam falsas ou ruins “por ignorância das línguas ou da matéria que se trata”. Ele chama atenção, também, para a quantidade finita de palavras existentes, mas segundo ele, há uma quantidade infinita de coisas, sendo assim, há que se tomar cuidado com a semelhança entre as palavras (sinonímia) na atribuição de significados. Ele também cita a questão da intraduzibilidade dos nomes próprios, que segundo ele devem apenas transportados de uma língua para outra e não transformados à força do significado.

A relação palavra/significado é vista por Dolet (2006) a partir do segundo e do terceiro requisito que ele cita como primordiais para se traduzir bem, sendo eles: o conhecimento da língua, para compreensão de suas propriedades, expressões idiomáticas, locuções e sutilezas, critério também relacionado ao que menciona Lutero (2006) e Furlan (2006).

Nesse mesmo sentido ele fala que o tradutor não deve traduzir palavra por palavra, pois nesse caso, não conseguirá atingir a intenção de sentido do autor e provavelmente não respeitará a propriedade de cada uma das línguas as quais estará trabalhando.

Todos os autores mencionados abordam a questão da construção do texto traduzido. Respeito ao estilo e elegância ao texto original, que são as principais preocupações das concepções de linguagem da época. No entanto, estas características não foram mencionadas neste artigo, que estava focado apenas na relação palavra/significado.

A CONTRIBUIÇÃO DOS TRADUTORES RENASCENTISTAS PARA CONSTRUÇÃO DAS BASES DA TRADUÇÃO CONTEMPORÂNEA

No prefácio da antologia *Clássicos da Teoria da Tradução - V.4 Renascimento*, o professor Mauri Furlan, organizador dessa edição da antologia, bem como pesquisador que ofereceu uma sistematização para as reflexões sobre as traduções produzidas no Renascimento, apresenta uma linha de pensamento contemporâneo que concebe o Renascimento não como um período da história, mas como um movimento que produziu uma série de importantes mudanças na conjuntura da cultura ocidental. Dentre essas mudanças está

a revolução intelectual e as bases que fundamentaram a atual Ciência da Tradução. Nesse sentido, Furlan (2006) nos fala do Renascimento como “berço esplêndido da Tradutologia”.

Cabe então, neste momento, um olhar um pouco mais crítico sobre a História da Tradução, no intuito de entender sob quais aspectos os textos deixados pelos tradutores renascentistas contribuíram e contribuem para a tradução praticada hoje.

No Renascimento, até mesmo as traduções que precisavam ser fiéis tinham a virtude de ser belas. Na modernidade surgiram traduções que, segundo Oustinoff (2011), se dobraram ao gosto clássico, não se tratando mais de “enriquecer” o texto, como no século anterior, seriam as chamadas “Belas Infiéis”.

Oustinoff (2011) cita a distinção de três formas de tradução: a tradução literal, a tradução propriamente dita, que se concentra mais no sentido do que nas palavras, e a imitação ou paráfrase, em que se substitui o original por um texto novo. É então que começam a surgir as primeiras verdadeiras teorias da tradução e sua influência aumenta em diversos países.

As discussões que semearam o desenvolvimento dessas teorias e pensamentos acerca do processo tradutório foram iniciadas com os clássicos, tiveram grande atenção durante o Renascimento e daí em diante estiveram em constante ascensão.

Essas discussões, durante quase toda a história, foram acerca dos mesmos problemas, os quais ainda são discutidos e estudados nos dias de hoje, principalmente no que se refere à relação palavra/significado, preocupação com o leitor, conhecimento das línguas, fidelidade quanto ao conteúdo e objetivo do texto original, etc.

Se olharmos para as principais correntes teóricas de tradução contemporânea, a perspectiva funcional, por exemplo, o foco está na preocupação com o leitor e com a efetivação do objetivo comunicativo da tradução, ou sua função, ou seja, o sentido há que ser preservado para que se obtenha uma tradução adequada; para tanto, há a necessidade de conhecimento das línguas e respeito às suas propriedades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre outras tantas, o respeito à palavra e ao significado no texto de chegada era uma das preocupações dos tradutores renascentistas, e que, conforme o exposto até aqui, é considerada uma discussão que perdura nos dias de hoje nas mais diversas linhas teóricas da tradução, bem como em outras áreas como, por exemplo, a da semiótica, que explica que palavras são sons articulados com determinado significado.

É notável a contribuição desses tradutores para a construção de teorias e bases para a tradução tal como é praticada nos dias de hoje, o que torna clara a importância das investigações ao passado nos estudos do presente, seja nos estudos da tradução, como em qualquer outro estudo.

Quanto ao que foi proposto pelos tradutores apresentados, interpreto, de modo geral, a relação palavra/significado como totalmente dependente de condicionantes dois condicionantes: a língua e a cultura em questão, já que estas irão definir o léxico mais adequado a ser empregado de acordo com o significado o qual se pretende atingir.

Pensando na definição do léxico de acordo com o significado com que se pretende atingir, ou seja, com uma intenção previamente articulada mentalmente, permite-se sugerir que a escolha das palavras não ocorre apenas na *elocutio*, conforme a sistematização da tradução retórica do renascimento (FURLAN, 2006), já que a articulação e disposição das ideias são feitas através de signos linguísticos, ou seja, palavras.

Assim, é possível considerar as palavras como instrumento para que o tradutor possa imprimir significado a textos de uma língua ou de uma cultura para outra, elas fazem parte de todo o processo de articulação mental das ideias, tanto do autor do texto original, quanto do tradutor desse mesmo texto e, inclusive, do processo de recepção dos textos original e traduzidos, em que estas palavras, por mais que tenham sido escritas com um intuito, podem ganhar novos significados ao passar pela interpretação do leitor.

As palavras e os significados se relacionam, então, desde o Renascimento até a contemporaneidade, de um modo muito peculiar, não dependo do cumprimento de regras sistemáticas, mas exigindo habilidade por parte do tradutor no conhecimento da língua, da matéria, da cultura e do texto que se traduz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNI ARETINO, Leonardo. Da tradução correta. Tradução de Mauri Furlan. In: FURLAN, Mauri (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. (Antologia Bilíngue, v. 4). Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006. p. 53-79.

DOLET, Étienne. Como traduzir bem de uma língua para outra. Tradução de Mauri Furlan. In: FURLAN, Mauri (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. (Antologia Bilíngue, v. 4). Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006. p. 199-205.

FURLAN, Mauri. A tradução retórica do Renascimento. In: _____. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. (Antologia Bilíngue, v. 4). Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006. p. 17-45.

FURLAN, Mauri. **La teoría de la interpretatio**. [S.l.: s.n., 20--].

LUIS VIVES, Juan. Versões ou traduções. Tradução de Mauri Furlan. In: FURLAN, Mauri (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. (Antologia Bilíngue, v. 4). Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006. p. 121-129.

LUTERO, Martinho. Carta aberta sobre a tradução. Tradução de Mauri Furlan. In: FURLAN, Mauri (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. (Antologia Bilíngue, v. 4). Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006. p. 91-115.

OUSTINOFF, Michaël. **A tradução** – história, teorias e métodos. São Paulo: Parábola, 2011. p. 30-78.

¹ Currículo Lattes em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=S9154554>>.